

A OCULTAÇÃO DA AUTORA POR TRÁS DE J. K. E A SUBVERSÃO DE PADRÕES CULTURAIS FEMININOS: ESTUDO DA PERSONAGEM HERMIONE, DA COLEÇÃO *HARRY POTTER*

Daiane da Silva Lourenço¹

RESUMO:

Nas obras literárias de autoria feminina, ainda é constante a representação da mulher estereotipada, isto é, a mulher indefesa, incapaz, anjo, ou, a sedutora, perigosa, megera (ZOLIN, 2009a). Subvertendo tais “padrões”, a escritora J. K. Rowling, um pseudônimo de Joanne Rowling, criou a personagem Hermione. Propomos, neste artigo, baseando-nos na crítica literária feminista, estudar a ocultação da feminilidade de Rowling no início de sua carreira, como forma de promover sua obra sem haver rejeição por ser de autoria feminina, e analisar como a personagem Hermione contraria os “padrões culturais” como representação da mulher, apesar de em algumas situações demonstrar características do “eterno feminino” (BEAUVOIR, 1986).

PALAVRAS-CHAVE: Autoria feminina. Mulher estereotipada. Crítica literária feminista. Subversão. Hermione.

ABSTRACT:

In literary works authored by women, it is still constant the stereotyped portrayal of women, in other words, the helpless, undefended, angel woman, or the seductive, dangerous, vixen one (ZOLIN, 2009a). Subverting such “standards”, the writer J. K. Rowling, a pseudonym for Joanne Rowling, created the character Hermione. We propose, in this article, based on the feminist literary criticism, to study the concealment of Rowling’s femininity early in her career, as a way of promoting her work with no rejection for being authored by a woman, and to analyze how the character Hermione goes against the “cultural patterns” as representation of women, although in some situations she demonstrates features of the “eternal feminine” (BEAUVOIR, 1986).

KEYWORDS: Female-authored. Stereotyped woman. Feminist literary criticism. Subversion. Hermione.

Apesar da crença de que adolescentes não leem, diversas obras têm sido lançadas na última década endereçadas a tal faixa etária. Deixadas por muitos professores à revelia da escola (MAFRA, 2003), por serem consideradas literatura de massa, essas obras circulam na escola entre os estudantes, desde o sexto ano do ensino fundamental, como constatamos em uma pesquisa realizada com alunos

¹ Graduada em Letras Português-Inglês (2009) pela FECILCAM - PR. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras com ênfase em Estudos Literários da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Bolsista da Capes. E-mail: dailourenco4@hotmail.com

de uma escola particular acerca das leituras feitas durante o ano de 2009, sem orientações de seus professores. Portanto, os adolescentes leem. Leem obras que têm circulado cada vez mais no mercado editorial, as mais vendidas.

Essas obras têm sido, cada vez mais, a iniciação dos adolescentes à leitura. Têm levado dezenas, centenas de adolescentes a livrarias em busca do livro que tanto querem ler, têm sido assunto de suas conversas e têm feito com que desejem ler outros livros, sejam eles continuação da *saga*, indicação de amigos ou os que deram origem a um filme ou série de televisão. Dentre os títulos dos livros citados na pesquisa que realizamos, aparecem vários da coleção *Harry Potter*. Apesar de não constarem mais nas listas dos mais vendidos divulgadas pelos meios de comunicação, ainda são lidos tanto por meninos quanto por meninas.

A série *Harry Potter*, de aventuras fantásticas, foi escrita pela escritora britânica J. K. Rowling. O primeiro volume, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, foi lançado em 1997, seguido por mais seis publicações. A narrativa se refere a um mundo mágico, no qual convivem pessoas com poderes, bruxos, e pessoas sem poderes, e a trama é situada em 1991. Após completar onze anos, os adolescentes bruxos vão estudar na Escola de Magia Hogwarts, na qual ocorrem a maioria das aventuras centradas na vida de Harry Potter, junto com seus melhores amigos Hermione e Rony. Além de aventuras e um mundo mágico, são constantes reflexões sobre amizade, ambição, coragem, preconceito, entre outros assuntos.

Além do fato de serem obras lidas por muitas pessoas, tanto crianças, quanto adolescentes ou adultos, a coleção Harry Potter, especificamente *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e *Harry Potter e As Relíquias da Morte*, é objeto neste artigo por ser de autoria feminina, com uma autora que assumiu deixar transparecer em sua escrita sua consciência feminista, e pelo fato de ter Hermione ao lado do protagonista, uma personagem feminina forte na trama, durante toda a sua adolescência, que desde os onze anos já diferia dos estereótipos femininos presentes na literatura canônica, como a mulher sedutora e perigosa, a mulher megera, a mulher anjo ou indefesa (ZOLIN, 2009a). Assim, procuramos analisar a personagem Hermione como figura feminina adolescente que subverte os valores patriarcais ainda presentes na sociedade do final do século XX e enfrenta diversos obstáculos, como o preconceito por não ter sangue puro, isto é, ser filha de não-bruxos. A determinação e independência de Hermione, em relação aos amigos do sexo masculino Harry e Rony, é muito marcada na narrativa de todas as obras da

coleção, contrapondo com a constância de representações de mulheres em obras, novelas, filmes, e outros multimeios que ainda persistem em mostrar estereótipos femininos submissos ao patriarcalismo. A respeito disso, Zolin (2009a, p. 217) afirma que o estereótipo feminino negativo, largamente difundido na literatura e no cinema, constitui-se num considerável obstáculo na luta pelos direitos da mulher. A crítica feminista procura desconstruir a oposição homem/mulher difundida até hoje na sociedade.

Como representação da mulher do século XX, Hermione tem consciência feminista já na fase da adolescência e busca se destacar entre todos os alunos da escola, entre os quais a maioria citada nas narrativas são homens. No entanto, apesar de ser uma personagem forte, não é marcada apenas pela coragem, em alguns momentos passa por situações de fragilidade e insegurança, nas quais frequentemente uma figura masculina toma a frente para ajudá-la ou defendê-la, com o intuito, às vezes até inconsciente, de defender a virilidade masculina.

A escritora por trás das iniciais J. K. e a autoria feminina no final do século XX

Conhecida pelas iniciais J. K. Rowling, Joanne Rowling, nascida em 1965, tornou-se conhecida no mundo todo por ser escritora da série *Harry Potter*. Diversos de seus personagens tiveram inspiração em pessoas que passaram por sua vida, como Stanley e Ernei, condutores do Nôitibus Andante, e o Professor Snape. Até mesmo o sobrenome Potter foi inspirado em um antigo vizinho.

A história de Joanne Rowling é vista como um exemplo de luta para muitas mulheres, principalmente pelo fato de não ter desistido da publicação de sua primeira obra. Coursou Francês e Línguas Clássicas na Universidade de Exeter, ensinou Inglês por um período na França. Ao se formar, a ideia de uma história sobre Harry Potter surgiu e começou a escrevê-la em 1990. Em busca de emprego, foi para Portugal ensinar inglês, onde se casou em 1992. Teve sua primeira filha em 1993, mas o marido já havia demonstrado ser ciumento e possessivo, o que levou ao fim do casamento. Então, mudou-se para a Escócia com a filha, passou a sobreviver com a ajuda do governo e continuou a escrever o primeiro livro.

Joanne se tornou importante como representação feminina internacional por tornar-se uma das mulheres mais influentes do mundo. No entanto, o caminho para

que sua obra literária se tornasse mundialmente conhecida não foi fácil, como mostra sua biografia. A dificuldade inicialmente encontrada foi o fato de ser mulher. Seu agente literário, antes de sua primeira publicação, sugeriu que apenas duas iniciais fossem colocadas na capa do livro, ocultando a identidade feminina da escritora.

(...) Joanne Rowling agora era J. K. Rowling. Era uma estratégia de Christopher Little. Ele consultara as pessoas envolvidas na publicação de livros infantis, que lhe disseram que enquanto as meninas liam livros escritos por homens, os meninos não leriam um livro escrito por uma mulher. Ele disse a Joanne que era preciso escolher algumas iniciais e depois colocar o sobrenome. (...) chegaram a J. K. Era sonoro e Joanne gostou da ideia de acrescentar o nome de sua avó Kathleen ao seu próprio. (SMITH, 2003, p. 105)

A tentativa de ocultar a feminilidade da escritora no final do século XX mostra que apesar da impressão de a dominação masculina ter sido superada pelas mulheres contemporâneas, há ideologias ainda fortes na sociedade, como o fato de a literatura escrita por mulheres ser considerada menor em relação à produção masculina. Tal ideologia ainda persiste porque

o cânone literário (...) sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos etc. Para a mulher inserir-se nesse universo, foram precisos uma ruptura e o anúncio de uma alteridade em relação a essa visão de mundo centrada no logocentrismo e no falocentrismo (ZOLIN, 2009b, p. 327).

Para Zolin (2009b), o surgimento do feminismo permitiu que as mulheres passassem a escrever, ocupando um espaço até então somente dos homens, mesmo que a princípio tenham tido que se valer de pseudônimos masculinos, como George Eliot, pseudônimo de Mary Ann Evans. No entanto, se pensarmos que Eliot publicou romances no final do século XIX, e um século se passou desde então, o fato de Rowling ter de ocultar sua verdadeira identidade para a primeira publicação demonstra que as mulheres ainda têm que lutar por mais espaço no campo literário, mesmo após Virginia Woolf, Jane Austen, Angela Carter, ou, citando exemplos do Brasil, Clarice Lispector, Lya Luft, Nélide Piñon. Para Campos (1992), o fato de escritoras poderem no século XX, e acrescentamos o XXI, desempenhar-se de seu

ofício, resulta de lutas de suas predecessoras, nos dois últimos séculos, para vencer a endêmica ansiedade que cercava a autoria.

Virginia Woolf, em “Women and Fiction” (Mulheres e ficção) aborda o fato de que há poucas mulheres na história da literatura porque o acesso à educação lhes foi negado por muito tempo. Apenas a partir do início do século XIX, as mulheres passaram a ter acesso e direito à educação. No entanto, mesmo após algumas mudanças, a vida feminina continuou a ser regulada e, de certo forma, atualmente ainda há cobranças da sociedade em relação à mulher. Por isso, houve uma fase na produção literária de autoria feminina que ficou marcada pelo ressentimento e pela luta por seus direitos. Woolf destaca que esta fase já foi superada e percebe mudanças profundas nas obras de autoria feminina.

A grande mudança que tem ocorrido na escrita feminina é, ao que parece, uma mudança de atitude. A mulher escritora não é mais amarga. Não é mais zangada. Não está mais implorando e protestando enquanto escreve. Estamos chegando, se já não atingimos, ao momento em que sua escrita terá pouca ou nenhuma influência alheia para perturbá-la. Ela poderá se concentrar em sua própria visão sem distrações de fora. O distanciamento que havia do alcance da genialidade e da originalidade está apenas agora chegando ao alcance das mulheres comuns (tradução nossa) (WOOLF, 1998, p. 50, tradução nossa).

A mudança apontada por Woolf é percebida na obra de Rowling, pelo fato de a escritora ter se preocupado em inserir uma personagem feminina (Hermione) ao lado da protagonista que, contrariando a visão estereotipada da mulher, não é submissa ao homem, mas independente em diversos aspectos. De fato, Rowling não cria a personagem com o intuito de protestar, pois “(...) as mulheres estão começando a explorar seu próprio gênero, a escrever sobre mulheres como as mulheres nunca foram escritas antes; porque obviamente, até muito recentemente, as mulheres na literatura eram criação dos homens” (WOOLF, 1998, p. 51, tradução nossa).

Rowling afirma em entrevistas ter recebido influências de diversos escritores, como E. Nesbit, Jane Austen, Richard Scarry. Suas maiores influências são de autoria feminina, principalmente de Austen, que sempre foi sua escritora favorita (SMITH, 2003). Amorin (2005) afirma que a autora sofreu influências de Jane Austen ainda na adolescência, escritora inglesa que trabalhava a caracterização psicológica de suas personagens femininas, que, em geral, têm a oportunidade de escolher o próprio destino, assim como as personagens de J. K. Rowling, e valorizava muito a

ironia em suas produções. Além disso, Jane Austen conseguiu espaço na literatura em uma época em que as produções masculinas predominavam, século XVIII. Na produção de Rowling, fica evidente a capacidade de suas personagens femininas, como Hermione e a Professora McGonagall, de escolherem os próprios destinos, ao contrário de serem levadas pelas imposições sociais. Outro exemplo é o fato de ter inserido mulheres nos times de Quadribol da escola, esporte considerado muito perigoso, por ser jogado sobre vassouras. A ironia também é característica de sua narrativa ao abordar as distinções de classe. A sátira é apontada por Amorin (2005) como constante na coleção *Harry Potter*, como a personagem Gilderoy Lockhart, vaidoso professor que não tem conhecimento; Rita Skeeter, repórter inoportuna e persistente; e Ludo Bagman, ex-jogador de Quadribol corrupto e exuberante.

A vida de Joanne Rowling, portanto, foi marcada por dificuldades enquanto mulher escritora para atingir seus objetivos. Apesar de não ter sofrido qualquer tipo de repressão masculina por parte de seu pai, teve que lidar com a tentativa de dominação do primeiro marido e com as limitações impostas pela sociedade as mulheres escritoras, mesmo no final do século XX.

Hermione é uma personagem feminina muito forte e admirada pela escritora. A personagem principal de seu livro é o garoto Harry e não uma Harriet porque surgiu de forma natural.

(...) eu estava escrevendo esse livro por seis meses antes de eu própria – e realmente levou seis meses – parar e pensar ‘Espera aí, porque Harry – porque não Harriet? Porque um garoto?’. Agora a resposta é que Harry veio a mim tão completo, tão real que se eu tivesse parado, após seis meses de escrita e pensado ‘bem, mudar para uma garota. Eu vou ser politicamente correta, criarei uma heroína’, seria como pendurar Harry num gancho. Ele era muito real para mim naquele momento para transformá-lo em uma garota (...), e eu tinha Hermione e Ron, e eu gostava muito deles naquela hora para querer mudá-los (LYDON, 1999).

Apesar de manter como primeira personagem Harry, a qual, no entanto, divide o papel principal com Hermione e Rony, Rowling preocupou-se até mesmo com o nome de Hermione, retirado de “Um conto de inverno”, de William Shakespeare, com a intenção de diferir de qualquer nome comum e para que não houvesse nenhuma garota real com o mesmo nome comparada a ela. Contudo, mesmo com tal afirmação, Rowling disse acreditar que existem muitas garotas como Hermione. Se pensarmos no final do século XX e início do XXI, acreditamos que é

possível que adolescentes, principalmente no ocidente, tenham a possibilidade de crescer livres de uma forte pressão masculina sobre seus destinos.

Hermione recebeu algumas influências autobiográficas. Em uma entrevista, Rowling afirma: “Hermione foi muito fácil de criar, porque se baseia quase totalmente em mim mesma aos 11 anos de idade. Realmente é uma caricatura de mim. Como Hermione, eu era obcecada pelo sucesso acadêmico, mas isso só servia para mascarar uma insegurança enorme” (SMITH, 2003, p. 26). A escritora diz que sua consciência é salva na obra por Hermione, visto que as outras personagens são homens. Devido ao extenso conhecimento da personagem sobre o mundo da magia, por gostar muito de ler, a autora sempre a utiliza para explicar os fatos ao leitor. Portanto, a voz de Hermione na narrativa adquire autoridade diante de Harry, Ron ou qualquer outra personagem, pois nem mesmo os professores da escola de Hogwarts duvidam de seus conhecimentos.

Rowling, ao construir a personagem Hermione, deixa de repetir os valores patriarcais ou criar uma narrativa de protesto contra a dominação masculina. Hermione é uma personagem que se autoafirma, uma nova forma de representar a mulher na literatura de autoria feminina, pois a discussão das relações de gênero não é o foco da produção literária da escritora, mesmo afirmando que sua consciência feminista transparece no texto. Poderíamos nos perguntar se Hermione seria uma personagem tão forte e independente se houvesse sido criada por um homem e Woolf (1998) nos diz que um livro de autoria feminina nunca é escrito como um homem o escreveria.

Hermione: a personagem adolescente não estereotipada

Como propusemos no início deste artigo, analisamos a personagem Hermione Granger nas obras *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (HPF), 1997, e *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (HRM), 2007, procurando mostrar como tal personagem subverte a ideologia patriarcalista de sua época. A escolha de tais obras, dentre as sete que compõem a coleção, deve-se pelo fato de mostrar o primeiro e o último ano da personagem na escola, ou seja, seu crescimento como mulher durante toda a adolescência, dos onze aos dezessete anos de idade.

Hermione é a principal personagem feminina criada por Rowling e aparece ao lado de Harry e Rony em todas as suas aventuras, sendo fundamental em todas por ajudar a desvendar os mistérios devido ao seu imenso conhecimento de magia. Aos onze anos de idade embarca no expresso para Hogwarts, encontrando Harry e Rony por acaso, mas sua amizade surge apenas na escola. Seus pais não são apresentados na narrativa, apenas sabemos que não são bruxos. Hermione adora ler e, por isso, seus amigos sempre recorrem a ela quando precisam de uma informação relevante.

A apresentação da personagem ocorre somente no capítulo seis de HPF, quando Hermione inicia uma conversa com Harry e Rony. No entanto, logo os garotos a detestam por sua personalidade forte: “Tinha um tom de voz mandão, os cabelos castanhos muito cheios e os dentes da frente meio grandes” (HPF, 2000, p. 94). A introdução da personagem feminina feita pelo narrador difere das que geralmente encontramos em outras obras, isto é, não é representada como indefesa, ou anjo, ou com uma beleza exuberante, é uma adolescente que se impõe e, de certa forma, assusta os garotos por seu conhecimento e intromissão: “Já sei de cor todos os livros que nos mandaram comprar, é claro, só espero que seja suficiente (...)” (HPF, 200, p. 94). A reação de susto acrescida de rejeição de Harry e Rony pode ser vista como resultado da ideologia presente na sociedade de uma mulher sem voz, principalmente por ser uma adolescente. Bonnici (2003, p. 95) afirma que o silêncio da mulher é seu destino, porque todo discurso reflete a autoridade paternal ou marital. No caso de Hermione, ela não está acompanhada do pai, ele é uma figura que não aparece na narrativa, e tampouco é casada, ou seja, não está sob uma autoridade masculina, talvez por isso fale sem restrições. Quanto a Harry e Rony, assim como outras personagens secundárias, mesmo ainda adolescentes, estão inculcados pela dominação masculina, como uma ideologia simbólica naturalizada.

A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos (BOURDIEU, 2005, p. 50).

(...) a “naturalização” de papéis sociais atribuídos aos sexos consolidou-se hierarquicamente, como se fossem da ordem do senso comum, quando, em verdade, neles se abrigam a dominação, a opressão, a exclusão. (CAMPOS, 1992, p. 115)

Hermione se destaca no decorrer da narrativa por sua maturidade, apesar da pouca idade, como quando ocupa o banco ao lado de Harry e Rony sem ser convidada: “Só vim pra cá porque as pessoas nas outras cabines estão se comportando feito crianças (...) (HPF, 2000, p. 98) e por seu imenso conhecimento e tentativas de mostrá-lo: “Ninguém falava muito a não ser Hermione, que cochichava muito depressa todos os feitiços que aprendera, sem saber o que precisaria mostrar” (HPF, 2000, p. 102). Por tais constatações, percebemos que a personagem já inicialmente difere das que geralmente estão presentes em obras literárias canônicas:

(...) é recorrente o fato de as obras literárias canônicas representarem a mulher a partir de repetições de estereótipos culturais, como, por exemplo, o da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz e, entre outros, o da mulher como anjo capaz de se sacrificar pelos que a cercam. Sendo que a representação da mulher como incapaz e impotente subjaz uma conotação positiva; a independência feminina vislumbrada na megera e na adúltera remete à rejeição e à antipatia. (ZOLIN, 2009a, p. 226)

Hermione não representa a mulher incapaz, no entanto também não é a megera. Rowling (LYDON, 1999), em entrevistas, diz que seus leitores não notam Hermione como uma personagem feminina independente e forte. Isto nos remete novamente a assimilação da dominação masculina pelas pessoas. Se fosse megera, Hermione seria considerada forte e independente aos olhos dos leitores, como as bruxas na Idade Média. Como personagem não-malévola, o inconsciente coletivo conduz os leitores a esperarem uma personagem feminina inocente e indefesa.

Assim, a personagem Hermione remete à antipatia pelo fato de não repetir os estereótipos culturais, por representar uma mulher ainda pouco presente na literatura de autoria feminina. O eterno feminino, o destino de mulher, ainda está no inconsciente das pessoas do século XXI, mesmo após diversas lutas vencidas pelas mulheres, o que ocasiona o estranhamento diante de uma adolescente que foge aos “padrões culturais”. A própria Hermione percebe isso na primeira aula do Professor Snape: “(...) parecia desesperada para começar a provar que não era uma cabeça-oça” (HPF, 2000, p. 121). O homem ainda tem privilégios na sociedade por não haver um choque entre sua “vocação de ser humano” e seu “destino de macho”, em contrapartida a mulher vive dividida entre essa mesma vocação e seu “destino de

mulher” (ZOLIN, 2009a, p. 224). Hermione, mesmo sendo uma adolescente do final do século XX, sente a necessidade de desvencilhar-se da opressão masculina, de se autoafirmar diante dos homens de sua escola. Para isso, utiliza seu conhecimento, pois ainda na sociedade atual a mulher é considerada fraca.

A mulher é mais fraca do que o homem; ela possui menos força muscular, menos glóbulos vermelhos, menor capacidade respiratória; corre menos depressa, ergue pesos menos pesados, não há quase nenhum esporte em que possa competir com ele; não pode enfrentar o macho na luta. (BEAUVOIR, 1986, p. 60)

A autoafirmação da mulher, diante das repressões sociais ainda existentes, ocorre por meio do acesso ao conhecimento. De acordo com Bourdieu (2005), o aumento do acesso das mulheres à instrução foi um dos fatores mais importantes para repensar a diferença entre os gêneros, que antes não era nem mesmo discutida. Isto porque a condição feminina na sociedade mudou, as mulheres passaram a ter acesso ao ensino superior, trabalho assalariado e distanciamento das tarefas domésticas, como consequência, há o adiamento da idade do casamento e da procriação. Podemos, contudo, refletir sobre as dificuldades das mulheres em serem reconhecidas como iguais ou como seres superiores ao homem por meio de Hermione. Apesar de ser muito estudiosa e aplicada, tentar de todas as maneiras se sobressair, sendo às vezes competitiva, a personagem não recebe tanto reconhecimento no decorrer da narrativa quanto Harry, por ser homem e possuir força muscular. Em alguns momentos, chega a ser repreendida pelo Professor Snape por querer sempre ser a primeira a responder e nenhum professor procura encorajá-la, como frequentemente fazem com Harry. Bourdieu (2005) afirma que a influência de professores, ou da instituição escolar, faz com que as mulheres aceitem e considerem normal, ou mesmo natural, ocuparem cargos submissos aos homens, recusando as posições ou as carreiras de que estão sistematicamente excluídas e encaminhando-se para as que lhes são sistematicamente destinadas. No caso da série *Harry Potter*, o Professor Snape, uma figura masculina, sempre intimida Hermione, enquanto os outros, apesar de não repreendê-la, não a estimulam da mesma forma que Harry.

Mesmo com as repressões que sofre de algumas personagens, até mesmo de Draco Malfoy que a chama de sangue-ruim por não ser filha de bruxos, o que é retratado na narrativa como uma forma de preconceito, Hermione não deixa de

realizar conquistas e recebe reconhecimento de seu potencial em várias passagens: “Era realmente uma sorte que Harry agora tivesse Hermione como amiga. Não sabia como poderia ter dado conta dos deveres de casa sem ela” (HPF, 2000, p. 157), “Xadrez era a única coisa em que Hermione perdia (...)” (HPF, 2000, p. 187), “A ideia de um Dumbledore adolescente era simplesmente esquisita, o mesmo que imaginar uma Hermione burra (...)” (HRM, 2007, p. 23), “Rony ter lido um livro que Hermione não conhecia era um fato sem precedentes” (HRM, 2007, p. 110), “Graças a Deus você herdou a inteligência de sua mãe [Hermione]” (HRM, 2007, p. 587).

Podemos ainda apontar outras características que diferem Hermione de estereótipos femininos, como o fato de não preocupar-se com a aparência. Em uma sociedade em que a mulher ainda se determina e se diferencia em relação ao homem e não este em relação a ela (BEAUVOIR, 1986), em que a divisão das coisas e das atividades ocorrem segundo a oposição entre o masculino e o feminino (BOURDIEU, 2005), a mulher é vista de forma positiva se for “feminina” e evitar traços de virilidade. Por não demonstrar virilidade, Hermione, mesmo sem se preocupar com a aparência, ainda é vista por personagens masculinos da narrativa (Rony, Vítor Krum) como feminina. No entanto, uma extrema atenção à aparência física e predisposições à sedução estão de acordo com o papel que, tradicionalmente, compete mais à mulher (BOURDIEU, 2005, p. 120). A personagem somente demonstra esta atenção ao exterior em situações especiais, como os bailes da escola ou quando vai a um casamento, talvez pelo fato de ser “padronizada” a extrema preocupação com a aparência em tal ocasião: “Usava um esvoaçante vestido lilás com sapatos altos da mesma cor; seus cabelos estavam lisos e sedosos” (HRM, 2007, p. 115). A diferença dos estereótipos ainda apresentada no último livro, na qual já tem dezessete anos, é a revolta da personagem em uma fuga com Harry e Rony, na qual somente ela cozinhava: “Estou notando que sempre sou eu que acabo resolvendo o problema da comida; porque sou uma menina, suponho!” (HRM, 2007, p. 232). A personagem tem ciência de que há a desigualdade entre os gêneros. As mulheres sempre estiveram resignadas aos trabalhos domésticos, mesmo após obterem espaço no mercado de trabalho. A ideologia de que o homem não deve submeter-se a tal atividade, pois seria um questionamento de sua virilidade, sobrevive ainda no final do século XX.

Por todas as características de Hermione apresentadas, constatamos que a personagem, apesar de ter momentos de fragilidade e fraqueza, como discorreremos

mais adiante, desconstrói o “eterno feminino” por ser o oposto de uma mulher submissa a dominação patriarcal, sem voz, objetificada. Desconstrói, pois, impossibilita afirmar que todas as mulheres têm o mesmo destino: ser dona de casa e cuidar dos filhos. No entanto, a sociedade, incluindo pessoas do sexo masculino e feminino, cobra das mulheres que sejam “femininas”, que façam atividades e exerçam profissões consideradas femininas, que se preocupem com a aparência, entre outros. Devido a tais cobranças, não é possível que uma mulher, ainda que tenha nascido no século XXI, subverta a *todos* os “padrões culturais”, pois se o fizer poderá ser excluída, por ser considerada “diferente”. O mesmo podemos considerar a respeito do homem, também vítima de imposições sociais.

O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade. (...) A virilidade (...) é, acima de tudo, uma carga (BOURDIEU, 2005, p. 64)

Rony desconstrói o “eterno masculino”, por ser um garoto sem coragem, sem astúcia, sem força física e diversas vezes salvo por Hermione. Contudo, em algumas situações, Rony procura fazer o papel de homem viril e tenta consolar Hermione, quando chora, por exemplo. São nestas situações que Rony é considerado o Sujeito e Hermione o Objeto, o outro. Devido aos “padrões culturais” encucados nas pessoas, “a socialização diferencial predispõe os homens a amar os jogos de poder e as mulheres a amar os homens que o jogam (...)” (BOURDIEU, 2005, p. 98), as mulheres tendem a se interessar por homens mais altos e fortes, que tenham características viris. Herminione, foge novamente aos estereótipos femininos, pois se apaixona por Rony e o epílogo de HRM apresenta os dois casados, isto é, Hermione não se interessa por um homem que demonstra poder.

Após expor várias marcas nas narrativas que demonstram a força de Hermione, não podemos deixar de apresentar momentos em que a personagem se iguala aos “padrões culturais”, pois, como já foi discutido, ela não consegue se desvincilhar de todos os “padrões” impostos à mulher. Hermione, em HPF, não é aceita por Harry e Rony no início da narrativa, pois é considerada “sabe-tudo” e intrometida, provavelmente diferente das meninas que conheciam. A amizade entre eles surge quando os dois meninos salvam Hermione da morte.

Hermione estava encolhida contra a parede oposta, parecendo prestes a desmaiar. O trasgo avançava para ela, derrubando as pias que estavam na parede em seu caminho. (...) Harry gritou para Hermione, tentando puxá-la na direção da porta, mas ela não conseguia se mexer, continuava achatada contra a parede, a boca aberta de terror” (HPF, 2000, p. 153).

O fato de tê-la salvo faz com que Harry e Rony se igualem a ela, pois os conhecimentos que a personagem possuía não permitiram que se salvasse sozinha. Rony, entretanto, não deixa de lembrar ao amigo Harry, em uma atitude pautada na ideologia patriarcal, “salvamos a vida dela” (HPF, 2000, p. 156). Deste momento em diante, os três estão sempre unidos para enfrentar as diversas aventuras e Hermione sempre pronta para protegê-los utilizando seus conhecimentos. Ainda assim, mesmo resolvendo um importante enigma e ajudando Harry, um diálogo entre os dois revela um posicionamento submisso, jamais demonstrado anteriormente, pautado na ideia de força masculina em oposição à fragilidade feminina:

- Harry, você é um grande bruxo, sabe?
- Não sou tão bom quanto você – disse Harry, muito sem graça, quando ela o largou.
- Eu! Livros! E inteligência! Há coisas mais importantes, amizade e bravura (...) (HPF, 2000, p. 245).

A maior demonstração de fragilidade feminina pode ser considerada o choro, pois prevalece a ideia de que se o homem chora sua virilidade é questionada. Hermione, em situações alegres, tristes ou de medo, revela seus sentimentos por meio do choro: “Hermione escondeu o rosto nos braços; Harry teve a forte suspeita de que caíra no choro” (HPF, 2000, p. 261), “Com um braço, [Rony] envolveu Hermione, e enfiou a outra mão no bolso do jeans de onde extraiu um lenço (...)” (HRM, 2007, p. 78) “Ela se atirou em uma poltrona, se enroscou e caiu no choro” (HRM, 2007, p. 245). Enquanto Hermione demonstra em algumas situações fraqueza, há momentos em que Rony tenta provar sua virilidade, como quando a consola.

Mesmo se casando com Rony e tendo dois filhos, Rosa e Hugo, como mostra o epílogo de HRM, intitulado “Dezenove Anos Depois”, segundo Rowling, Hermione terminou os estudos em Hogwarts e investiu em sua carreira, trabalhando em importantes departamentos de magia.

Para Almeida (2004), as mulheres que, historicamente, cumprem com demandas e papéis impostos socialmente, perguntam-se, principalmente ao longo do século passado [XX] e no momento presente, quem são, como desejam ser, como não querem mais ser. Provavelmente, para muitas leitoras conscientes sobre a prevalência de algumas ideologias patriarcais na sociedade, a autoafirmação de Hermione é inspiradora, assim como a da escritora Joanne Rowling. A criação de uma personagem com tendências feministas e não estereotipada abre espaço para que outras personagens assim surjam, assim como Joanne Rowling produziu após ter predecessoras.

Considerações finais

A narrativa da coleção *Harry Potter* ocorre no final do século XX, inicia em 1991 e termina em 1998. Joanne Rowling cria uma personagem mulher adolescente não estereotipada e com ideias feministas, tal como sua escritora. No entanto, mesmo inserida nesse contexto e com uma visão feminista de mundo, Hermione não se desvencilha totalmente dos “padrões sociais” impostos a mulher, isto porque “(...) a ‘naturalização’ de papéis sociais atribuídos aos sexos consolidou-se hierarquicamente, como se fossem da ordem do senso comum” (CAMPOS, 1992, p. 115). Tal naturalização passa de geração para geração e a crítica literária feminista propõe, ao contrário, a desnaturalização, a desideologização da opressão sofrida pela mulher, isto por meio das personagens e também da produção de autoria feminina, caminhando para “a desuniversalização do ponto de vista masculino em literatura através da compreensão de que escritoras produzem uma literatura toda sua, obscurecida (...) pelo predomínio dos valores patriarcais na cultura” (CAMPOS, 1992, p. 116).

Joanne Rowling é, portanto, um exemplo da busca feminina por mais espaço no campo literário, que mesmo no século XXI ainda está restrito a obras masculinas, principalmente quando pensamos em histórias da literatura, nas quais dificilmente encontramos referências a obras de autoria feminina. Além de ter conseguido espaço como escritora, Rowling apresentou para seus leitores uma personagem que não propõe pensar acerca da posição da mulher na sociedade, não questiona nem problematiza, se autoafirma como alguém que não tem dúvida sobre seus direitos,

objetivos e lugar. “Hermione está anos-luz à frente de Harry e Rony no que se refere à inteligência, além de ter uma base moral mais bem definida. Em todos os livros ela emprega suas capacidades intelectuais indispensáveis para apoiar Harry a lutar contra o mal” (SMITH, 2003, p. 136). A personagem explícita o fato de haver a possibilidade da inversão de papéis sem questionamento. O estereótipo feminino de mulher submissa foi construído socialmente, aparece em obras literárias, TV, cinema (LAURETIS, 1994), mas cabe a ela desconstruí-lo, não ser objeto, tornar-se sujeito.

As discussões aqui realizadas, por meio da análise da personagem Hermione como não estereotipada e das situações enfrentadas por Rowling para publicar sua primeira obra, propõem repensar a visão de gênero ainda encucada no século XXI.

(...) mesmo desbiologizando-se ou desnaturalizando-se esses dois pólos do sistema de sexo/gênero e demonstrando-se que as fronteiras entre esses nunca foram tão fixas e impermeáveis quanto se supunha, é fundamental reconhecer que uma força centralizadora, hegemônica, centrípeta continuou e continua a atuar nos grupos sociais contemporâneos, e que essa força ou centro de poder ainda é mais identificado com aquilo que se costumou chamar de ‘masculino’ (SCHNEIDER; GAMA, 2009, p.120).

As forças centrípetas relacionadas ao gênero que atuam na sociedade contemporânea não atingem somente as mulheres, mas também os homens. Como citamos durante nossa análise, Hermione desconstrói o “eterno feminino” e Rony o “eterno masculino”. Ainda há a cobrança para que o homem seja totalmente viril, sempre colocado em oposição a feminilidade e fragilidade da mulher. “(...) ambos, homens e mulheres, são prisioneiros do gênero – ainda quando diferentemente, mas de modo inter-relacionado” (CAMPOS, 1992, p. 123). Apesar de inicialmente ter sido uma obra pensada apenas para crianças, a coleção *Harry Potter* tem sido lida por adolescentes e adultos de todo o mundo, no entanto, muitas vezes as relações de gênero inerentes a obra passam despercebidas, mesmo assim, não podemos descartar sua importância em suscitar reflexões sobre gênero.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. Linhagens e ancestralidade na literatura de autoria feminina. *Revista de Estudos Literários Espéculo*, Madrid, n. 26, mar./jun. 2004. Disponível em : <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero26/linhages.html>>. Acesso em: 13 ago. 2010.
- AMORIN, E. C. *Harry Potter: desmistificando o mito da mulher-bruxa*. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005. [Orientadora : Prof. Dr. Vera Helena Gomes Wielewicki].
- BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BONNICI, T. No limite da feminilidade: assassinas e bruxas – a mulher na sociedade inglesa dos séculos XVI e XVII. In: MAINKA, Peter Johann (Org.). *Mulheres, bruxas, criminosas: aspectos da bruxaria nos tempos modernos*. Maringá: Eduem, 2003. p. 89-104.
- BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CAMPOS, M. C. C. Gênero. In: JOBIM, J. L. *Palavras de crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- LYDON, C. *Transcrição da entrevista com J.K. Rowling para o 'The Connection'*. Rádio WBUR, 1999. Disponível em <<http://conteudo.potterish.com/transcricao-da-entrevista-com-jk-rowling-para-o-the-connection>>. Acesso em: 13 Ago. 2010.
- MAFRA, N. D. F. *Leituras à revelia da escola*. Londrina: Eduel, 2003.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e as relíquias da morte*. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- SMITH, S. J. *K. Rowling: uma biografia do gênio por trás de Harry Potter*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- ZOLIN, L. O. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009a. p. 217-242.

_____. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009b. p. 327-336.

WOOLF, V. Women and fiction. In: CAMERON, Deborah (Org.). *The feminist critique of language*. 2ª ed. New York: Routledge, 1998. p. 47-53.